

Alckmin: "governo vai acabar antes de começar"

KARLA CORREIA E TINA VIEIRA
BRASÍLIA

O candidato do PSDB à Presidência, Geraldo Alckmin, engrossou ontem o coro dos que enxergam um cenário de conflito no caso de reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Disse que um segundo mandato do petista já começa discutindo a sucessão de 2010 e "seria mais do mesmo". "Se Lula for reeleito, o governo acaba antes de começar", sentenciou o tucano.

A declaração provocou reações imediatas. O ministro da Coordenação Política, Tarso Genro, disse que Alckmin re-

velou seu "lado Pinochet", em referência ao ditador chileno Augusto Pinochet. "Ele está demonstrando um lado mais perigoso, que é o lado Pinochet. Essa ameaça de dizer que um governo que será eleito democraticamente pela população não vai começar só revela um lado mais Opus Dei do que um lado republicano", reagiu Tarso Genro.

O presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB/SP), também fez críticas a setores do PSDB que estariam promovendo um divisão social no País. "A idéia de que os tucanos são portadores da moder-

nidade e os eleitores de Lula são os grotões, os burgos pobres e os fanáticos do Bolsa Família é perigosa. Leva à divisão da sociedade", disse.

Para o coordenador da campanha petista, Marco Aurélio Garcia, Alckmin admitiu que perdeu a eleição. "Talvez esteja antecipando a sua derrota. Isso é muito ruim para o seu eleitorado, desanima, desmobiliza".

DIVISÃO

A oposição entrará rachada em um possível cenário de "terceiro turno" da eleição presidencial. Enquanto parte dos aliados do tucano Geraldo Al-

ckmin aposta na tática de terra arrasada e promete cercar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na Justiça, caso ele se re-eleja, outra fatia da oposição já está com os olhos postos em 2010 e não vê vantagem em um governo marcado pela instabilidade nos próximos quatro anos. "A garantia de esclarecimento dos fatos perpassa o resultado eleitoral, os desacertos do PT e do presidente Lula é que são contrários ao regime democrático, não a luta na Justiça para desvendá-los. Não vejo porque desacelerar essa batalha depois das eleições", diz o coordenador da cam-

panha tucana, Sérgio Guerra.

Essa ala mais aguerrida do PSDB enfrentará forte resistência interna. Boa parte da legenda, liderada por José Serra e Aécio Neves, está mais interessada em reconstruir as conversas com o governo e vê no rompimento um atraso pouco proveitoso na construção de candidaturas para 2010. "Eu vejo com muita preocupação esse cenário de day after. O ambiente mundial não será mais favorável nos próximos quatro anos. Há que se pensar nisso antes de partir para o ataque", pondera o senador Arthur Virgílio (PSDB-AM).